

Teorias, métodos e conceitos aplicados à História Antiga: uma entrevista com Pedro Paulo A. Funari*

*Theories, methods and concepts applied to Ancient History:
an interview with Pedro Paulo A. Funari*

Pedro Paulo Abreu Funari é doutor em Arqueologia (1990), mestre em Antropologia Social (1986) e bacharel em História (1981) pela Universidade de São Paulo (USP). Possui livre-docência em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e nove pós-doutorados, passando por prestigiadas instituições internacionais, como a Illinois State University e a Stanford University, nos Estados Unidos da América; a University College London e a Durham University, no Reino Unido; a Universitat de Barcelona, na Espanha; e a Université Paris Nanterre, na França. Atualmente, é Professor Titular e docente do Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, Distinguished Lecturer na University of Stanford, Research Associate na Illinois State University, na Universitat de Barcelona e na Université Laval, no Canadá. Pedro Paulo A. Funari é também assessor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, orientador em Stanford e Binghamton, colaborador da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de Pelotas. Foi apresentador do programa *Diálogo sem fronteira*, transmitido pela RTV Unicamp, de 2011 a 2016, contando com mais de 220 entrevistas. Participa do conselho editorial de mais de cinquenta revistas científicas brasileiras e internacionais e também de instituições de amparo, financiamento e divulgação acadêmica, científica e cultural. Publicou e organizou centenas de livros, capítulos, artigos e resenhas, em vários idiomas, nas áreas de História e Arqueologia, com ênfase, sobretudo, em História Antiga, Arqueologia, História das Religiões, Teoria da História, Estudos Culturais, Patrimônio e Relações de Gênero.

1. João Carlos Furlani: *Para começo de conversa, nada melhor que uma questão basilar para todos aqueles que se dedicam aos estudos da Antiguidade. Em 2000, o senhor publicou Grécia e Roma, obra que se tornou extremamente conhecida. Não à toa o livro recebeu, neste ano de 2018, sua sexta edição. Na introdução de Grécia e Roma, o senhor se interroga sobre a razão de estudarmos a Antiguidade em pleno século XXI e o que a cultura clássica teria a ver*

* Entrevista concedida a João Carlos Furlani em 4 de setembro de 2018.

conosco, respondendo essa pergunta com a afirmação segundo a qual o Mundo Antigo se encontra muito mais presente em nosso cotidiano do que imaginamos. Tal questão termina por se relacionar com outras, como aquela que diz respeito aos pressupostos científicos para a constituição de determinado campo de pesquisa. Nesse sentido, gostaríamos que o senhor nos explicasse qual a sua concepção de História Antiga como uma disciplina acadêmica?

Pedro Paulo A. Funari: Não há estudo do passado sem reflexão sobre o presente. A História, como disciplina, sempre se volta ao público dos vivos, cujos interesses, valores, anseios, de forma consciente ou não, envolvem também o historiador. Neste sentido, estudar o passado, mesmo o mais distante, depende de uma exploração do presente e de seus antecedentes imediatos. Uma especificidade da História Antiga radica no papel de destaque que a cultura antiga exerce no presente, no passado recente e naquele ainda anterior. A presença do mundo antigo na canção popular, na telenovela, no seriado *on-demand*, no cotidiano, nos cultos, já indica sua relevância no Brasil, no Mundo Ocidental, na América Latina. Mesmo a China, com cultura tão forte, não se mantém impérvia à cultura ocidental, em geral, e greco-romana, em particular. Isso se explica não apenas por razões econômicas e pragmáticas, para conhecer e conquistar os ocidentais, mas também a pretensão de excelência em todos os campos de reconhecimento universal, como já fora o caso do Japão.

A História Antiga, como disciplina acadêmica, neste sentido, é das mais antigas, surgida no início da ciência iluminista moderna da História, das mais prestigiosas por ultrapassar as fronteiras nacionais e por estudar algo compartilhado (e criticado) por todos os ocidentais, da Rússia à Argentina, do Canadá à Etiópia. Na África subsaariana, a História Antiga consta da formação da licenciatura e está presente nos livros didáticos, por diversos motivos, que vão do domínio colonial europeu à difusão de denominações cristãs. Tudo isso e mais contribui para que a História Antiga seja um campo de pesquisa consolidado e importante na Europa, nas Américas, na África e para além, como na Turquia, no Irã ou em Israel.

Isso tudo faz da História Antiga uma disciplina de complexidade particular, ao exigir muitos e variados conhecimentos, de idiomas, de campos de especialização, de tradições historiográficas diversas, da geografia de variadas áreas e muito mais. A essa dificuldade, contrapõe-se a atração da universalidade, o fato de ser entendido e encontrar interlocução em toda parte. No Brasil, a História Antiga esteve no início da formação acadêmica universitária e, hoje, conta com alentado grupo de profissionais da área, o que permite uma formação mais ampla e bem fundamentada para os licenciados, professores do ensino fundamental e médio, e para os estudiosos de outros campos, em particular

para aquela grande maioria de professores universitários de História do Brasil. Por tudo isso, a História Antiga tem importância estratégica no mundo e no Brasil, em particular.

2. No conjunto de sua obra, em especial nos livros Cultura popular na Antiguidade Clássica (1989); Roma: vida pública e vida privada (1994); Letras e coisas: ensaios sobre a cultura romana (2002); Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino (2003); A vida quotidiana na Roma antiga (2004); e Aspectos de la cultura popular romana a partir de Pompeya: arte, erotismo y sensibilidad en el mundo romano (2012), o senhor se dedica a refletir sobre as sociedades grega e romana tomando por base aspectos do cotidiano, das sensibilidades e da cultura. Como o senhor chegou a esta proposta de escrita da História?

R: A contingência condiciona as sociedades e cada um de nós. Circunstâncias foram, assim, determinantes para que estudasse a História, a Antiguidade e a cultura. Não seria o caso de desenvolver, aqui, estas contingências, mas de relacionar o contexto do estudo da História e minhas inclinações. Estas sempre estiveram voltadas para a cultura e as sensibilidades, ainda que, à época, nos anos 1970, predominassem, no discurso público e na pesquisa histórica universitária, questões econômicas e políticas. O contexto político do lento declínio do poder militar, da abertura e da luta pelas liberdades coincidia com problemas econômicos globais e locais. Perspectivas marxistas centradas nas lutas políticas e econômicas cresciam, o que representou uma importante oportunidade de ler os autores do momento, como Louis Althusser, mas também Marx, Lukács, Lênin, Mao. O interesse pela escravidão, pela exploração e luta social, assim como pela economia na Antiguidade juntava o *Zeitgeist* às minhas inclinações pela justiça e contra a violência. Graças, também, à minha orientadora original, Glória Portal, a José Maria Blázquez, José Remesal e Haganuch Sarian, segui no mestrado (1985), no doutoramento (1990) e na Livre-Docência (1996), no estudo da economia romana, por meio da Arqueologia e da epigrafia latina, em especial.

No período de minha formação, houve crescente preocupação na sociedade e na academia com questões culturais. Ainda que houvesse iniciado o contato com Foucault, pelas mãos de Paulo Sérgio Pinheiro, ainda na graduação, no início da década de 1980, fui levado ao estudo do cotidiano e à cultura popular na Antiguidade por demanda, já que havia sido convidado a tratar da cultura alternativa em evento na Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis), em 1985, e fui levado a descobrir e explorar os grafites de Pompeia. Houve um crescimento na historiografia estrangeira e na brasileira da Histórica Cultural, o que confluuiu para que dedicasse cada vez mais atenção aos aspectos simbólicos.

3. *Nos últimos anos, temos observado um aumento considerável de trabalhos acadêmicos que recorrem aos métodos e técnicas oriundos da Arqueologia, da Epigrafia e da Numismática na investigação da História Antiga. Poderia nos falar um pouco mais sobre essa perspectiva multidisciplinar dos Estudos Clássicos e nos esclarecer em que medida sua aplicação é útil para o aumento do stock de conhecimentos acerca de Grécia e de Roma?*

R: Geza Alföldy dizia, já na década de 1980, que não se podia mais estudar a História Antiga sem a Arqueologia.² O motivo mais óbvio está no crescimento constante de informações provenientes da cultura material antiga, tanto em edifícios, como em artefatos sem escrita, mas também uma infinidade de outros inscritos e mesmo restos de plantas e animais. Além disso, a Arqueologia não exige um conhecimento tão grande, especializado e erudito dos idiomas e literaturas clássicas, de modo a atrair cada vez adeptos, como atesta o caso britânico, em particular. Outro aspecto importante para isso está na tendência à inter, trans e multidisciplinaridade nas ciências, em geral, por meio de estudos em equipe e que transcendam barreiras disciplinares. Se isso acontece em geral, nas Ciências Humanas e Sociais, isso é tanto mais relevante. A historiografia já hauria muito da Antropologia, Geografia, Sociologia, Filosofia e Arqueologia desde os *Annales* e de Collingwood,³ na década de 1930, mas isso se acentuou muito, tendo impactado a História Antiga de maneira notável. A perspectiva antropológica tem tido destaque particular, até pela importância de considerar a História um inventário de diferenças, como propõe Veyne,⁴ mas qualquer tema passou a ter que contar com uma abordagem epistemológica, para além do domínio da literatura clássica ou da evidência arqueológica. A Arqueologia, neste contexto, adquire importância crescente na História Antiga.

4. *As sociedades antigas, sobretudo a grega e a romana, forneceram matéria-prima para consolidar práticas culturais, divisões sociais e até mesmo relações econômicas das sociedades ocidentais contemporâneas. Em momentos de crise, recorre-se amiúde ao passado para revitalizar tradições, forjar memórias. Usa-se assim, com certa frequência, o passado dos antigos para ancorar, na atualidade, propostas ideológicas e estabelecer identidades. Como o senhor avalia esse uso do passado pelos homens do presente?*

² O livro de Geza Alföldy em questão é *Römische Sozialgeschichte*, publicado em 1984.

³ A obra referida de Collingwood é o póstumo *The idea of History*, de 1946.

⁴ Veyne faz essa assertiva em sua aula inaugural no Collège de France, em 1975, publicada no ano seguinte como livro, intitulado *L'inventaire des différences*.

R: Os usos do passado são constantes. Cada geração inventa sua Atenas, dizia George Duby em seu diálogo com Guy Lardreau.⁵ As narrativas sobre o passado estão sempre a serviço dos vivos, de movimentos sociais, religiosos, identitários ou outros. Essa reapropriação constante constitui parte do ser humano, do que forma a cultura, de modo que a narrativa (*mythos*) é da essência humana. A Antiguidade greco-romana tem tido particular relevância, desde a Antiguidade Tardia e daí até hoje. A modernidade tem feito recurso constante, como nas Revoluções Americana e Francesa, no movimento espartaquista, no fascismo e, hoje, tanto para normalizar, como para libertar, para subjugar ou para favorecer a diversidade. Movimentos conservadores ou libertários têm feito uso dos antigos, da extrema-direita à extrema-esquerda, se quisermos usar essas categorias. Constatada a ubiquidade do fenômeno, abre-se um imenso campo para o estudioso do mundo antigo atuar na cena pública,⁶ nos embates políticos, sociais, educacionais, na *Kulturkampf* (ou guerra de narrativas, como está na moda dizer). Se a Antiguidade foi usada, tantas vezes, para fins repressores e excludentes, pode ser ativada na luta pela liberdade, pela justiça, pelo respeito ao outro. Pode parecer paradoxal, mas nunca o conhecimento da Antiguidade foi tão importante para conhecer o presente e para lutar por um futuro melhor para todos.

5. Muitos trabalhos do senhor são destinados ao estudo da Antiguidade, mas boa parte de sua produção intelectual é dedicada também a questões teóricas e metodológicas – tanto no âmbito da História quanto no da Arqueologia –, bem como à reflexão sobre os conceitos de identidade, memória e patrimônio e sua aplicação na atualidade. Sabemos que o senhor é bacharel em História (1981), mestre em Antropologia Social (1986) e doutor em Arqueologia (1990), o que lhe garante vasta experiência em diversos campos das Ciências Humanas. Como o senhor, em sua prática profissional, transita por esses campos?

R: As circunstâncias levaram-me a esse trânsito tão amplo. Além do mencionado, é bom lembrar letras e literaturas clássicas, Filosofia e hebraico. Para além dos meus pendores, para isso contribuiu a orientadora e mestra Haiganuch Sarian, com seu lema de *tout apprendre*, que me sugeriu seguir cursos sobre os mais variados temas: culturas africanas (Kabengele Munanga), mesopotâmicas (Jean Bottéro), meso-americanas (Antônio Porro; Francisco Moscoso), entre outras. Também por diversos motivos, dentre eles institucionais, circunstanciais, de pesquisa, convivi e colaborei sempre com filólogos e filósofos. Isso tudo

⁵ Duby e Lardreau (1980), em *Dialogues*, discutem importantes questões a respeito da epistemologia da História e sua conexão com a Filosofia, incluindo a própria noção de História e a natureza do conhecimento produzido pela historiografia.

⁶ Para nos valermos do conceito de *Öffentlichkeit* de Jürgen Habermas (1962).

foi uma oportunidade única para mim, ao poder aprender com esse convívio pessoal, em parcerias, leituras e muito mais. Por isso mesmo, por essa frequência, sempre encorajo os orientandos à mesma atitude. Esse trânsito facilita o aprendizado com as diferenças, tanto pelas diversas perspectivas confrontadas, como pela observação da diversidade de situações históricas e culturais específicas. A erudição e o repertório serão sempre desiguais, pois se conhecerá melhor certos idiomas, culturas e trajetórias do que outras, mas isso não importa: o ganho é imenso.

6. A relação do historiador com o tempo nem sempre é amigável. A aversão pela falta de alinhamento ou correspondência com uma época e o horror ao erro cronológico é o que faz do anacronismo um dos pecados capitais para a História, como costumava afirmar Hobsbawm (1997). Contudo, a História também é feita mediante a aplicação de conceitos, sobretudo aqueles cunhados, na atualidade, pelos pesquisadores, a exemplo de globalização. Então, ao aplicarmos esses conceitos forjados com referência à realidade contemporânea ao estudo da Antiguidade, como podemos lidar com a questão do anacronismo?

R: De fato, não é possível narrar o passado apenas com o vocabulário da sua própria época. Essa tentação nominalista é ilusória, já que o historiador carrega consigo toda a história posterior, seus conceitos e, em particular, as marcas dos debates historiográficos. Assim, usar apenas o vocabulário de Tucídides é tarefa impossível, e não só pelo fato de o historiador atual não escrever em grego ático. Nesse sentido, não há como escapar do uso de conceitos e interpretações posteriores e que não existiam, ao menos de forma consciente, para os antigos. Parece importante sempre explicitar as abordagens adotadas, suas origens e características, para que o leitor possa julgar e tomar suas próprias posições. Globalização, imperialismo, luta de classes, subconsciente, subjetivação, entre tantos outros termos em voga hoje, podem e mesmo devem ser utilizados com a devida explicitação do que se entende por cada um e mesmo os limites de sua utilidade na análise de situações históricas concretas. Antes disso, contudo, convém dominar os conceitos de cada época, fonte e circunstância, aquilo que se define como perspectiva da própria cultura estudada (abordagem êmica, do inglês, *emic*). Uma mescla refletida de conceitos antigos e modernos é inevitável.

7. A relação da História com suas fontes é, em si, também histórica. Sabemos que o historiador, em contextos distintos, concebeu seu universo documental de maneira igualmente distinta. Ainda hoje, mesmo em concepções historiográficas que se apresentam como inovadoras, constatamos certo descompasso quando se trata da cultura material, pois não raro, tais

concepções se mantêm presas à exploração dos documentos escritos. Essa situação, contudo, se torna um tanto ou quanto deslocada ao nos referirmos à Antiguidade. Como o senhor avalia o lugar ocupado pela cultura material nos estudos históricos, de modo geral, e na História Antiga, em particular?

R: A cultura material tem ocupado cada vez mais espaço no estudo da História. Isso é tanto mais destacado no caso da História recente, ou do tempo presente, pois temas como a cultura material ligada a ditaduras modernas (Espanha, Alemanha, Bósnia, Argentina, entre outras) têm sido muito recorrentes e relevantes: estudos de fossas coletivas, campos de concentração e por aí. Isso não é novo, pois Braudel (1967; 1979) já falava em civilização material, há muitas décadas para a época moderna.⁷ A cultura material, estudada por perspectivas antropológicas, tem tido grande difusão, como atestam estudos sobre as bonecas Barbie, sobre as quinquilharias domésticas, dentre muitos outros. A História Antiga beneficia-se ainda mais, tendo em vista as diversas limitações das fontes literárias: quase não aumentam; são elitistas, em geral; demandam erudição incomum para seu estudo. Já a cultura material pode ampliar muito os horizontes da História Antiga.

8. Em março de 2018, Hayden White faleceu aos 89 anos. Sem dúvida, White ocupa um lugar central entre os teóricos da História na segunda metade do século XX, sobretudo por ter adaptado criticamente categorias da teoria literária à análise histórica e historiográfica. Como um dos expoentes do chamado linguistic turn, inicialmente em seu Metahistory (1973), acentuou, de maneira provocativa, a relação entre filosofia e linguagem na História, fomentando um intenso debate que permanece até hoje. Gostaríamos que o senhor comentasse a influência das propostas de White no que diz respeito aos estudos de História Antiga, uma vez que temos verificado, nos últimos anos, um interesse crescente dos pesquisadores pelos estudos da retórica e seus usos, o que inclui o próprio componente retórico da narrativa histórica.

R: A influência de Hayden White na História Antiga foi e tem sido mais indireta, do que direta. White não era um historiador da Antiguidade e isso explica, em parte, sua leitura tardia e não tão marcada, entre os historiadores da Antiguidade. Medievalista de formação, White estava ligado, por isso mesmo, ao Antigo e ao Moderno, mas não era, claro, um historiador da Antiguidade *stricto sensu*. Mesmo assim, como sua obra

⁷ Braudel, inicialmente, lançou o primeiro tomo de *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle*, em 1967. Mas é em 1979 que o autor publica os três tomos de sua obra, intitulados: *Les structures du quotidien*; *Les jeux de l'échange*; e *Le temps du monde*.

atingiu um âmbito disciplinar mais amplo, no campo da Teoria da História e da História da historiografia, os historiadores da Antiguidade, ainda que de maneira desigual, mais frequente entre os dedicados a temas correlatos à literatura, reagiram às proposições (ou provocações) de White. É importante destacar que na História, em geral, ainda prevalece a noção de veracidade objetiva e White pode parecer como um iconoclasta, alguém que pode ameaçar dissolver a legitimidade do trabalho do historiador, como pode ser visto nas polêmicas respostas de Carlo Ginzburg (1992) e de Arthur Marwick (1995) aos pressupostos metahistóricos defendidos pelo historiador norte-americano. Essa noção de objetividade histórica pode ajudar a explicar a resistência à ênfase na retórica da narrativa histórica por alguns historiadores. Mas, mesmo que de forma indireta, devemos lembrar que toda a historiografia tem tido que dar conta do caráter narrativo, persuasivo, da História. O estudo da Antiguidade, em especial, tem explorado, com frequência reiterada, as narrativas, os discursos e a retórica, e isso se deve, também, a White.

9. Nos projetos de investigação contemporâneos, em particular daqueles executados no exterior, temos assistido aos poucos uma reaproximação entre a História e a Geografia, por intermédio do spatial turn, da “virada espacial”, muito embora essa abordagem, no Brasil, ainda seja um tanto ou quanto incipiente. Vale a pena ressaltar, no entanto, que mesmo sem incorporar de modo explícito os pressupostos dessa virada espacial, diversas pesquisas em Antiguidade executadas há alguns anos já se preocupavam em focar a problemática da construção/ocupação do espaço. Como o tratamento das questões espaciais pode contribuir para o enriquecimento das investigações sobre a Antiguidade?

R: A História, desde sempre, esteve em relação com o espaço, com a Geografia. Heródoto era tanto historiador, como geógrafo e antropólogo, para usarmos termos modernos. Em tempos contemporâneos, Lucien Febvre (1922), em *La terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire*, testemunhou essa importância da dimensão geográfica. No estudo do Mundo Antigo, o espaço, em particular no que se refere aos assentamentos e à cultura material, à Arqueologia, adquiriu maior relevância desde os anos de 1970.⁸ O campo tem merecido interesse crescente, onde moravam 90% das pessoas, como testemunha, no Brasil, o clássico de André Leonardo Chevitarese (2001) intitulado *Espaço rural da pólis grega: o caso ateniense no período clássico*. Não podemos perder de vista que a tradição literária, ainda que urbana, remete a circunstâncias rurais e

⁸ Aqui, destacamos os trabalhos de Ian Hodder, em especial sua obra *Spatial analysis in Archaeology*, escrita em coautoria com Clive Orton e publicada em 1976, inaugurando a coleção *New Studies in Archaeology*, organizada pela Cambridge University.

a cultura material também fornece muita informação. O espaço e o ambiente adquirem particular relevância, também, pela onipresença no discurso atual da questão ambiental.

10. Ao analisarmos a produção historiográfica das últimas décadas, em diversas subáreas do conhecimento histórico, não é muito difícil perceber que os eventos ocorridos no tempo presente interferem diretamente na maneira como lidamos com o passado. Guerras, revoluções, globalização, lutas sociais, tecnologias, todas, ao seu modo, contribuíram (e contribuem) para a transformação do modus operandi historiográfico. Pensando a realidade contemporânea, o senhor consegue perceber (e arriscar) alguma tendência nos estudos da Antiguidade por conta da nova ordem mundial?

R: O historiador lida com o passado, não com o futuro, tema, muitas vezes, do economista, cujo acerto nem sempre tem sido constatado, ao contrário. Mesmo assim, as circunstâncias atuais parecem indicar que as narrativas conflitivas, de guerras de civilização, de identidades nacionais ou regionais, de tribalismo, têm crescido. As consequências para a História Antiga podem ser diversas, com destaque para o estudo das particularidades e das desavenças, a anti-globalização, mas também de temas representados por grupos de interesse atuais: mulheres, gays, minorias religiosas, dentre outras. Uma história em migalhas, como diria François Dosse (1987), uma história a serviço dos interesses particulares? Melhor deixar o futuro para o vaticínio dos colegas economistas.

11. Um trágico episódio ocorreu no dia 2 de setembro de 2018, o Museu Nacional do Rio de Janeiro foi atingido por um incêndio, destruindo a mais antiga instituição científica do país e um dos mais prestigiados museus das Américas, que mantinha um extenso acervo de Antropologia, Arqueologia e História Natural, com milhões de itens, não apenas referentes à História do Brasil, mas do continente americano e da humanidade. Gostaríamos que o senhor, livremente, comentasse esse evento, que pode ser entendido como melancólico para nós historiadores, no sentido benjaminiano, posto que coloca em xeque a configuração e a importância da própria História atualmente.⁹

⁹ Melancolia não significa, neste contexto, genialidade, pessimismo ou apatia ou ainda uma tensão entre momentos de passividade e de ativismo, mas, sim, a assunção e dedicação a determinada tarefa, a partir da desconfiança no que diz respeito à concretização de seu *télos* (RANGEL, 2016, p. 127). Melancolia relacionada à história, nos dizeres de Walter Benjamin, significa, mais propriamente, um sentimento, uma atmosfera ou clima, que é o momento fulcral da compreensão de que a reconfiguração da história teria se tornado difícil. Assim, qualquer movimento de “redenção” ou ainda de reconfiguração da história precisaria ter origem numa desconfiança radical (LÖWY, 2005, p. 75; RANGEL, 2016, p. 127). O sentimento de melancolia seria, portanto, para Benjamin (1987, p. 222-223), a própria condição de possibilidade de qualquer reconfiguração da história e da própria insistência na tarefa que é a da “redenção”.

R: Muito jovem, fui encarregado por minha orientadora, Haiganuch Sarian, quem investigava o acervo clássico do Museu Nacional, a verificar e estudar as ânforas de época romana. Foi possível fotografar as nove ânforas expostas, notei que havia inscrições, mas as circunstâncias postergaram um estudo mais detalhado, que envolveria a retirada das ânforas da exposição para desenho e calco das inscrições. Essas ânforas, agora desaparecidas com o restante do acervo, nunca mais poderão ser recuperadas. Eram humildes artefatos para transporte de vinho, azeite e salações, produzidas no Mediterrâneo e, com probabilidade, provenientes de Pompeia e, portanto, datadas do século I d.C. Estavam ao lado de outro material proveniente de Pompeia, que talvez tivesse sido trazido por ou para a imperatriz Teresa Cristina. Essa recordação pessoal dá uma pálida ideia do que se perdeu com o incêndio. A coleção clássica era variada, a mais ampla da América Latina, e dava um contato de primeira mão a estudiosos brasileiros a material egípcio, grego, etrusco ou romano. Para a História Antiga, assim, a perda limita o acesso direto, no próprio Brasil, aos estudiosos da Antiguidade. Mas a perda é muito mais ampla. Havia ali uma infinidade de materiais únicos e sem paralelos, à diferença do clássico, que pode ser estudado em inúmeros museus pelo mundo. Uma parte foi estudada e publicada, mas os fundos eram imensos e muito não chegou a ser objeto de investigação. Outro aspecto refere-se à perda para a história intelectual do Brasil, pois havia ali farta documentação sobre a ciência brasileira desde o estabelecimento do Rio de Janeiro como sede do reino, depois capital nacional. Apesar dos diversos estudos já publicados sobre essa história institucional, o acervo documental desaparecido ainda reservava muitíssima informação, perdida para sempre. O incêndio diz muito sobre o limitado empenho da sociedade brasileira, em especial das suas elites, pela ciência e pela educação, em geral, e pelo patrimônio e o passado, em particular. Recursos são sempre escassos, mas algumas restituições de condenados por corrupção mostram que apenas pequena parte seria o bastante para a manutenção adequada do Museu Nacional. A ciência e a educação não encontram a prioridade que seria condição necessária para uma sociedade com melhor desenvolvimento social, econômico e humano, assim como para amenizar as desigualdades. Apesar dos avanços nas últimas décadas, a educação e a ciência continuam sem a devida atenção, com prejuízo para todos. No que se refere à relação complicada com o passado, a sociedade brasileira, muito marcada pelos conflitos e traumas (escravidão, ditaduras), foge do passado e se refugia no “país do futuro”, para parafrasear Stefan Zweig (1941). A criação de novas capitais, como Belo Horizonte (1897), em Minas Gerais, e Goiânia (1933), em Goiás, já mostrava isso, algo tornado nacional com a mudança da capital do Rio de Janeiro, carregado da História e dos seus conflitos (escravidão, espoliação colonial, governos oligárquicos, ditadura, lutas de rua), por uma

cidade criada *ex nihilo*, voltada para o futuro, Brasília (1960). Essa ilusória busca por um futuro sem os traumas do passado cobra um preço alto. Enquanto se criava o Museu do Amanhã (2015), o Museu do Língua Portuguesa entrava em combustão (2015), os Museus Paulista (fechado em 2013) e de Arqueologia e Etnologia da USP têm suas exposições fechadas há muitos anos. Cabe a todos contribuir para mudar essa situação, pois não há futuro digno sem uma relação crítica com o passado.

Referências

- ALFÖLDY, G. *Römische Sozialgeschichte*. Stuttgart: Franz Steiner, 1984.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232. v. 1.
- BRAUDEL, F. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme (XV^e et XVIII^e siècles)*. Paris: Armand Colin, 1967. t. 1.
- BRAUDEL, F. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XV^e et XVIII^e siècles: Les structures du quotidien*. Paris: Armand Colin, 1979a. t. 1.
- BRAUDEL, F. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XV^e et XVIII^e siècles: Les jeux de l'échange*. Paris: Armand Colin, 1979b. t. 2.
- BRAUDEL, F. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XV^e et XVIII^e siècles: Le temps du monde*. Paris: Armand Colin, 1979c. t. 3.
- CHEVITARESE, A. L. *Espaço rural da pólis grega: o caso ateniense no período clássico*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2001.
- COLLINGWOOD, R. G. *The idea of History*. Oxford: Clarendon Press, 1946.
- DOSSE, F. *L'Histoire en miettes: des "Annales" à la "nouvelle histoire"*. Paris: La Découverte, 1987.
- DUBY, G. Un nominaliste bien tempere. In: DUBY, G.; LARDREAU, G. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1980, p. 37-66.
- FEBVRE, L. *La Terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire*. Paris: Albin Michel, 1922.
- FUNARI, P. P. A. *A vida quotidiana na Roma antiga*. São Paulo: Annablume, 2004.
- FUNARI, P. P. A. *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Unicamp, 2003.
- FUNARI, P. P. A. *Aspectos de la cultura popular romana a partir de Pompeya: arte, erotismo y sensibilidad en el mundo romano*. Barcelona: Ed. Académica Española, 2012.
- FUNARI, P. P. A. *Cultura popular na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Ática, 1989.

- FUNARI, P. P. A. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2000.
- FUNARI, P. P. A. *Grécia e Roma*. Ed. revista e atualizada. São Paulo: Contexto, 2018.
- FUNARI, P. P. A. *Letras e coisas: ensaios sobre a cultura romana*. Campinas: IFCH, 2002.
- FUNARI, P. P. A. *Roma: vida pública e vida privada*. São Paulo: Atual, 1994.
- GINZBURG, C. Just one witness: the extermination of the Jews and the principle of reality. In: FRIEDLANDER, S. (Ed.). *Probing the limits of representation: Nazism and 'final solution'*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1992, p. 82-96.
- HABERMAS, J. *Strukturwandel der Öffentlichkeit: Untersuchungen zu einer Kategorie der bürgerlichen Gesellschaft*. Neuwied. Berlin: Luchterhand, 1962.
- HOBBSBAWM, E. J. *On History*. London: Weidenfeld & Nicolson, 1997.
- HODDER, I.; ORTON, C. *Spatial analysis in Archaeology*. New York: Cambridge University Press, 1976.
- LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARWICK, A. Two approaches to historical study: the metaphysical (including 'postmodernism') and the historical. *Journal of Contemporary History*, v. 30, n. 1, p. 5-35, 1995.
- RANGEL, M. M. Melancolia e história em Walter Benjamin. *Ensaio Filosófico*, v. XIV, p. 126-137, 2016.
- VEYNE, P. *L'inventaire des différences*. Paris: Seuil, 1976.
- WHITE, H. *Metahistory: the historical imagination in 19th century Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.
- ZWEIG, S. *Brasilien: Ein Land der Zukunft*. Stockholm: Bermann-Fischer, 1941.